

# 1561 - Claudio Manoel da Costa

Conferencia ao socio effectivo, dr. Afranio de Mello Franco, realizada no Instituto

Historico e Geographico Brasileiro, em 5 de junho de 1929

**Código:** 1561

**Título:** Claudio Manoel da Costa

**Subtitulo :** Conferencia ao socio effectivo, dr. Afranio de Mello Franco, realizada no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em 5 de junho de 1929

**Autor(es):** FRANCO, Afranio de Mello

**Edição:** Imprensa Oficial de Minas Gerais

**Local de Publicação:** Belo Horizonte

**Ano / Volume:** 23

**Páginas:** 41-67

**Data de publicação:** 1929

**Assunto:** administração colonial portuguesa, crítica, República

Illuminismo, influência, Colônia

ouro, produção, Colônia

diamante, produção, Colônia

literatura, Colônia

arcadismo, Colônia

Arcádia Ultramarina, sociedade civil

José Pedro Xavier da Veiga, historiador, político, diretor do Arquivo Público Mineiro

Tomás Antônio Gonzaga, advogado, escritor, inconfidente

Inácio José de Alvarenga Peixoto, coronel, escritor, inconfidente

José Álvares Maciel, inconfidente, naturalista

Joaquim José da Silva Xavier, Tiradentes, alferes, inconfidente

Conjuração Mineira, participantes, Colônia

Afonso Arinos, escritor, advogado, jornalista

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, periódico

Cláudio Manuel da Costa, juiz, escritor, secretário de governo, inconfidente

Cláudio Manuel da Costa, bibliografia

crítica literária, República

governador, homenagem, Colônia

Conjuração Mineira, historiografia, República

educação, crítica, Colônia

transporte, crítica, Colônia

administração judiciária, crítica, Colônia

recrutamento militar, Colônia

fábricas, engenhos e manufaturas, proibição, Colônia

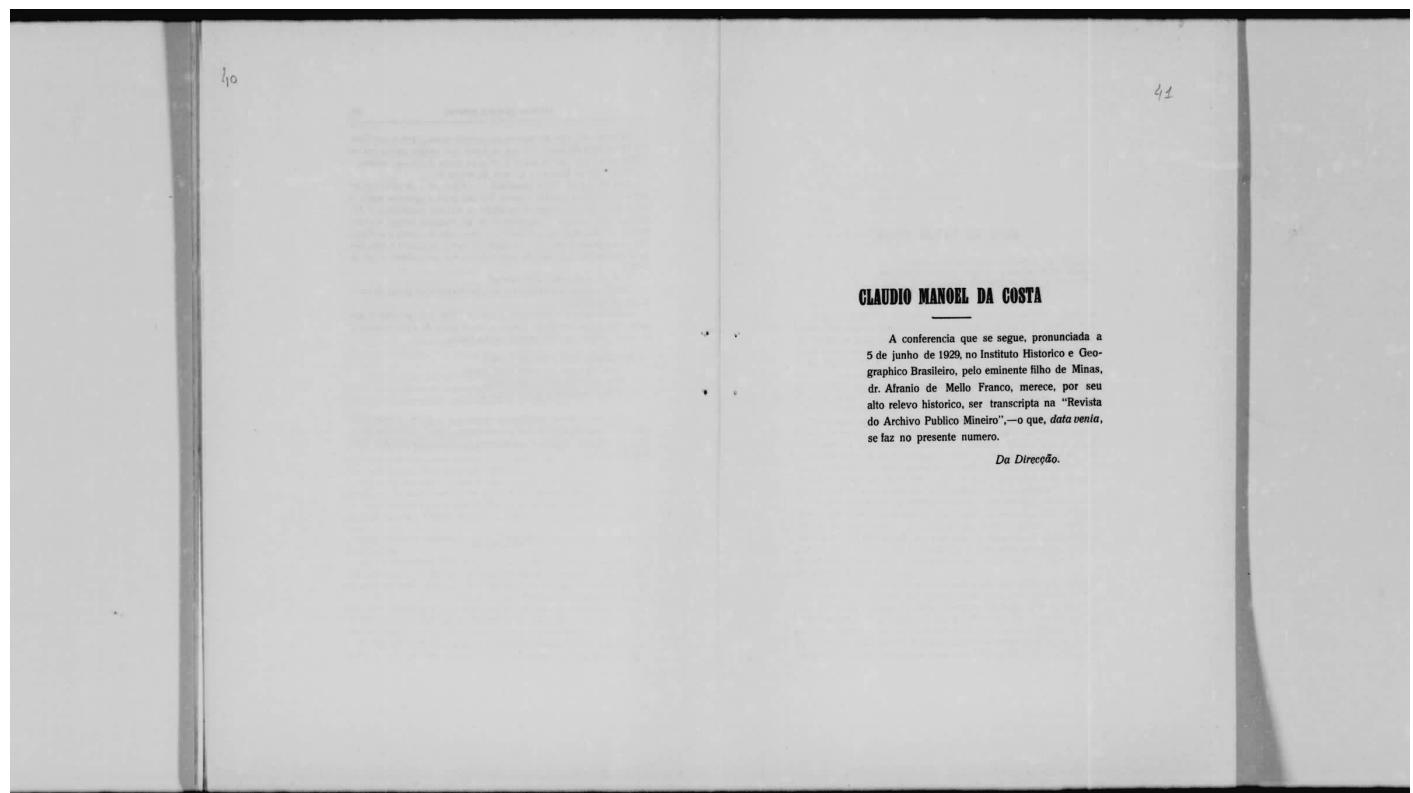
Conjuração Mineira, simbologia, Colônia

Basílio de Brito Malheiro do Lago, tenente-coronel, inconfidente, delator da Conjuração Mineira

Conjuração Mineira, investigação, Colônia

Anais da Biblioteca Nacional, periódico

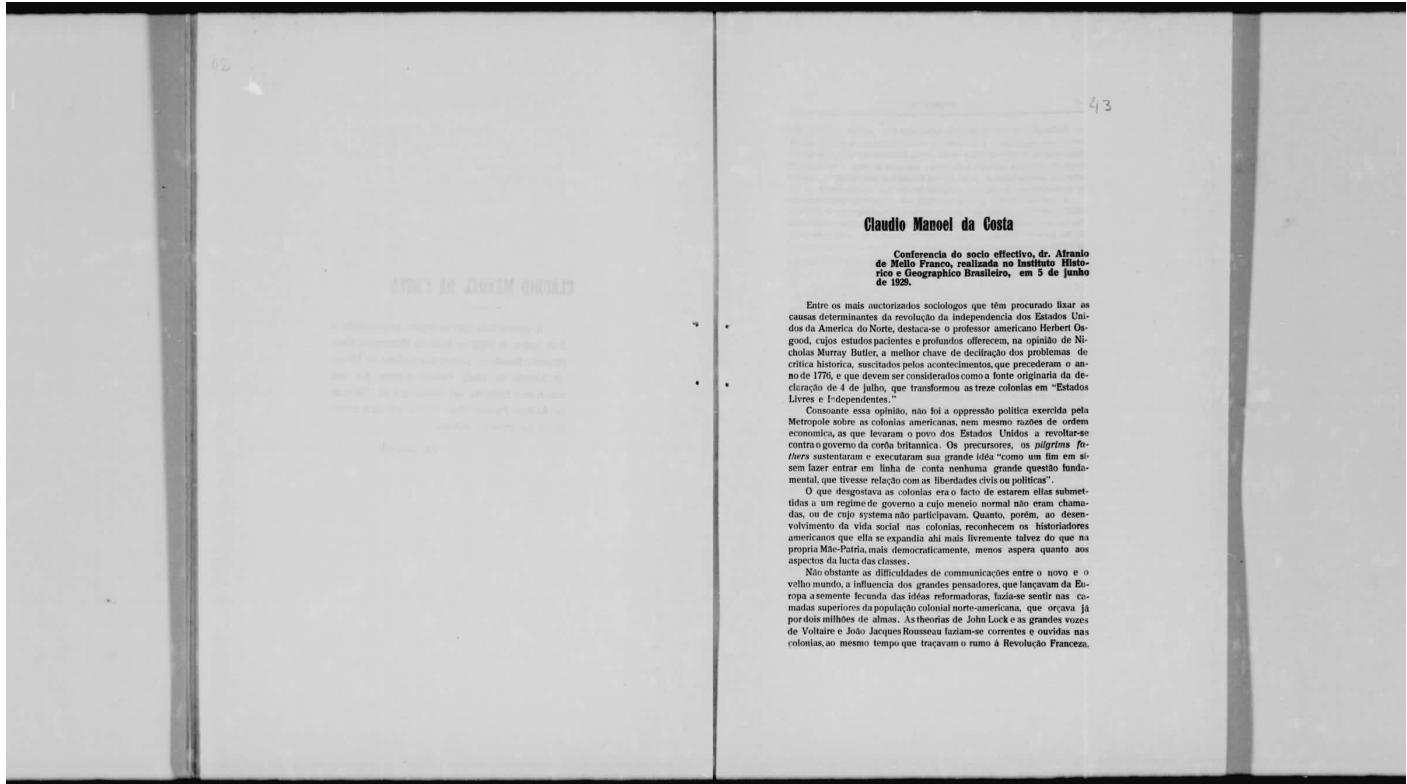
Miguel Antônio Herédia de Sá, médico, jornalista, professor  
Globo - O ( Rio de Janeiro ), periódico  
Cristiano Benedito Otoni, político, militar, engenheiro, escritor



**CLAUDIO MANOEL DA COSTA**

A conferencia que se segue, pronunciada a 5 de junho de 1929, no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, pelo eminentíssimo filho de Minas, dr. Afrânio de Mello Franco, merece, por seu alto relevo histórico, ser transcrita na "Revista do Archivo Publico Mineiro", — o que, *data venia*, se faz no presente numero.

*Da Direcção.*



Claudio Manoel da Costa

Conferencia do socio efectivo, dr. Afranio de Melo Franco, realizada no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 5 de junho de 1929.

Entre os mais autorizados sociólogos que têm procurado tirar as causas determinantes da revolução da independência dos Estados Unidos da América do Norte, destaca-se o professor americano Herbert Osgood, cujos estudos pacientes e profundos oferecem, na opinião de Nicholas Murray Butler, a melhor chave de declaração dos problemas de crítica histórica, suscitados pelos acontecimentos, que precederam o ano de 1776, e que devem ser considerados como a fonte originária da declaração de Independência, que transformou as treze colônias em "Estados Livres e I-Dependentes".

Consoante essa opinião, não foi a opressão política exercida pela Metrópole sobre as colônias americanas, nem mesmo razões de ordem econômica, as que levaram o povo dos Estados Unidos a revoltar-se contra a dominação da Inglaterra. Os fatores *ideológicos* foram, portanto, sustentantes e encorajaram sua grande ideia "como um fio em si sem fazer entrar em linha de conta nenhuma grande questão fundamental, que tivesse relação com as liberdades civis ou políticas".

O que desgostava as colônias era o facto de estarem elas submetidas a um regime de governo a cujo menino normal não era chama de "de caju syndrome" para se passar. Quando, porém, as desenvolvimentos sociais nas colônias, contradizem os historiadores americanos que ella se expandia ali mais livremente talvez do que na própria Mãe-Pátria, mais democraticamente, menos aperta quanto aos aspectos da luta das classes.

No entanto, diferentes tipos de comunicações entre os povos e o mundo, a influência das grandes pensadoras que invadiram da Europa a americana levada das idéias reformadoras, fazia-se sentir nas comunidades superiores da população colonial norte-americana, que orçava já por doze milhões de almas. As teorias de John Lock e as grandes vozes de Voltaire e Jodo Jacques Rousseau faziam-se correntes e ouvidas nas colônias, ao mesmo tempo que tracavam o rumo à Revolução Francesa.

No Brasil, também, imperava, nessa época, o regime colonial, mas muito mais opressivo, mais ferrenho, mais tyrranico,—tratadas as capitâncias pela Metrópole como verdadeiras leitoras, em que uma ignara massa de gente, que nem sequer sabia ler, era tratada com as mais rasturantes, que encilham as arcas da real fazenda e satisfaziam a cupidite de uma corte amolecida na opulência lasciva e nos prazeres do ocio.

A capitania de Minas foi a que mais sofreu, pois de suas entranhas saiu a enorme massa de ouro, que no dizer insupesto de Oliveira Martins, peremptori ao Rei d. João V dar largas à sua ostentação fradesca e apelidou de "Pombal reconstruir não só Lábor, derrocado pelo grande terramoto, como o ouro".

Cerca de 30.000 arrobas de ouro e mais de 350.000 arrobas de diamantes foram extraídas do território da Minas no período colonial e remetidas para o Reino, além das que a capacidade dos capitães-generais subtraíram ao real fisco, como se prova com o documento oficial em que Martinho de Melo e Castro, ministro de d. Maria I, denunciou o governador da Minas, Luís da Cunha Menezes, como associado aos defraudadores da metafisica, e com o acto público do Marquês de Pombal, que ordenou no Conde de Vila Rica, ao chegar este de Lisboa, em regresso de terramoto, comparecer diante de sua mesa.

Foi nessa triste quadra da Capitania, quando o povo mineiro via diminuir o ouro de alívio no cascudo de seus rios, quando se atrasava o pagamento dos pesados tributos impostos pela Metrópole, quando a América da Iberia passava a arcar com a exigência de 60 mil réis de imposto sobre o ouro extraído naquela época de sofrimento, de penuria, de obscurantismo e de tirania, que vieram ao mundo os grandes poetas da chamada Escola Mineira.

E de assinalar-se a coincidência, notada por um escritor patrício, terem nascido em um raio de vinte leguas na mesmo região de Minas Gerais, e num mesmo espaço de tempo de vinte anos, os quatro maiores poetas nascidos naquela província: José da Veiga, em 1728, na vila do Ribeiro do Carmo, hoje cidade de Mariana; segundo alguns de seus biographos, no povoado da varginha do Itacolomy, segundo outros, ou em Villa Rica, como admite Xavier da Veiga, "Ephemerides Mineira"; José de Santa Rita Durão, em 1717, como oporta o nome Xerxes da Veiga, em 1731, como propõe Pereira da Silva, personagem da Corte de Portugal, influenciado, hoje arredial de Santa Rita Durão; José Basílio da Gama, em 1749, na vila de São José do Rey, hoje cidade de Tiradentes; e Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, em 1749, em Villa Rica, hoje Ouri Preto.

Os poemas «Villa Rica», «Caramuru», «Uruguay», respectivamente dos três primeiros, e a coleção de poesias «Glauber», do ultimo, têm sido objecto de critica nacional e estrangeira, que, unanimemente, sa-

grou os seus autores, como sendo dos maiores poetas da língua portuguesa.

Contemporâneos dos quatro citados, viveram também em Minas os grandes poetas da antiga Capital: Thomaz Antônio Gonzaga, filho de pais brasilienses e nascido accidentalmente na Europa em 1744, e Ignacio José de Alvarenga Peixoto, nascido neste mesmo anno na cidade do Rio de Janeiro.

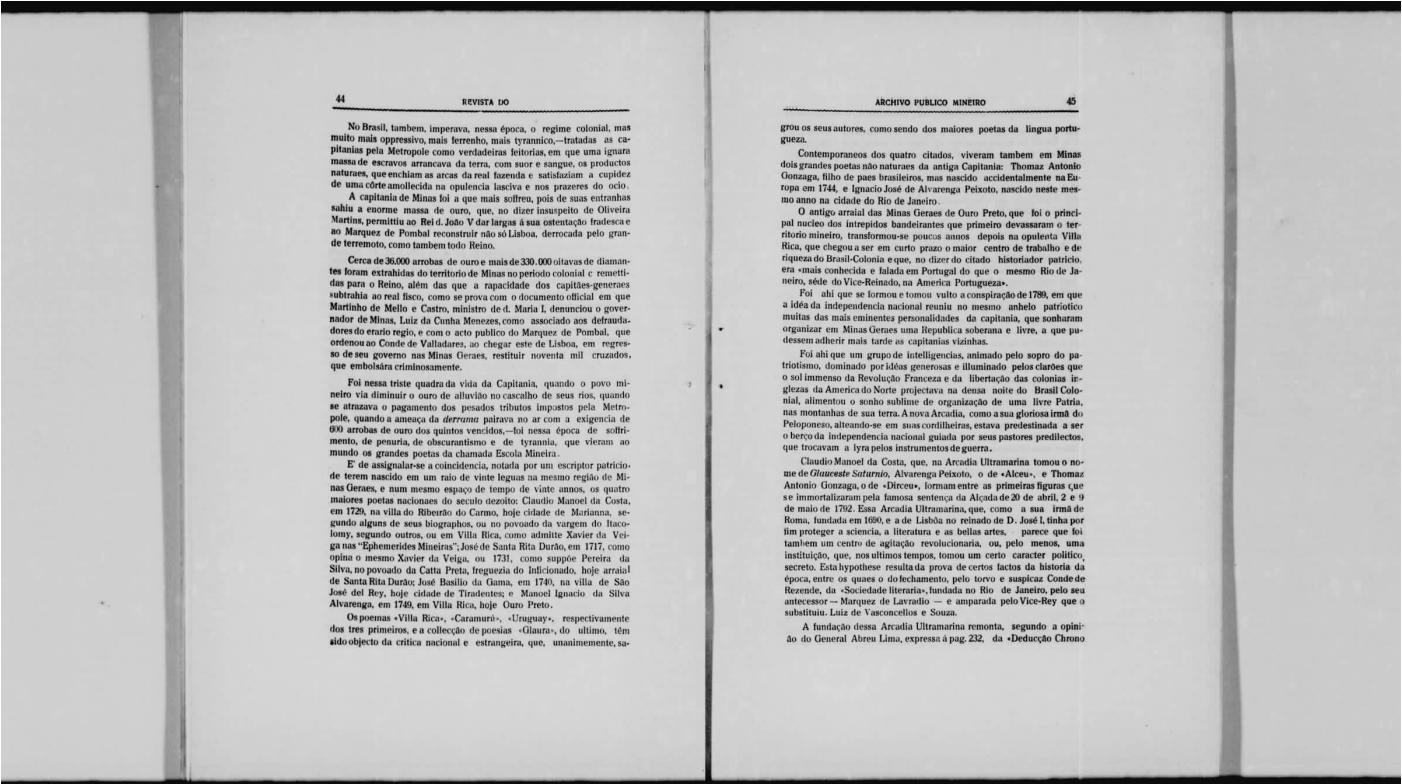
O antigo arraial das Minas Geraes de Ouro Preto, que foi o principal núcleo dos intrépidos bandeirantes que primeiro devassaram o território brasileiro, permanece poucos séculos depois na opinião Villa Rica, que chegou a ser em 1750 a maior cidade do Brasil, e arriqueceu o Brasil-Colônia e que, no dizer do citado historiador patrício, era «mais conhecida e famosa em Portugal que o mesmo Rio de Janeiro, sede do Vice-Reinado, é America Portugueza».

Foi ali que se formou e tomou vulto a conspiração de 1789, em que a ideia da independência da América do Sul, o mesmo anelio patriótico muiro daquela emigração generalizada de capitânia, que sonharam organizar em Minas Geraes uma Republica soberana e livre, a que pudessem aderir mais tarde as capitâncias vizinhas.

Foi ali que um grupo de intelligencias, animado pelo sopro do patriotismo, dominado por idéias generosas e iluminado pelos clarões que o sol immenso da Revolução Francesa e da libertação das colónias iranianas trouxe, formou a Sociedade Ultramarina de Lisboa, a Arcadia Colonial, alimentou o sentimento de organização de uma livre Patria, nas montanhas de sua terra. A nova Arcadia, como a gloriosa irmã do Peloponeso, altando-se em suas cordilheiras, estava predestinada a ser o berço da independencia nacional guida por seus pastores predilectos, que trocavam a lyre pelos instrumentos de guerra.

Claudio Manuel da Costa, que na Arcadia Ultramarina tomou o nome de Glauco Soárez de Alvarenga Peixoto, o de Alvaro e Thomaz Antônio Gonzaga, o de «D. Tomás», formaram a Sociedade Patriótica que se immortalizou pela famosa resolução da Alvorada de obri: 2 e 9 de maio de 1792. Essa Arcadia Ultramarina, que, como a sua irmã de Roma, fundada em 1690, e a de Lisboa no reinado de D. José I, tinha por fim proteger a ciencia, a literatura e as belas artes, parece que foi fundada em 1792, e que, em 1793, quando se realizou a sua instalação, que, mas ultimamente, tomou um certo carácter político, secreto. Esta hypothese resulta de prova de certos factos da historia da época, entre os quais o fechamento, pelo toro e suspicaz Conde de Rezende, da «Sociedade Literaria», fundada no Rio de Janeiro, pelo seu antecessor — Marquês de Lavradio — e amparada pelo Vice-Rey que o substituiu, Luiz de Vasconcelos e Souza.

A fundação dessa Arcadia Ultramarina remonta, segundo a opinião do General Abreu Lima, expressa à pag 232, da «Dedicação Chrono



Ligeira, no anno de 1760, sob o nome de «Arcadia do Rio das Mortes», mss. Xavier da Veiga, que foi, mais ou menos, em 1782, que se organizou, na cidade do Rio de Janeiro, aquella instituição, com filiais em Minas, São Paulo, e tudo mais, em Salvador.

Emposado do seu cargo de vice-rei, a 4 de Julho de 1790, o Conde de Rezende, «sombrio no pensamento e, por ai, sombrio nos seus actos», pressagiava implacavelmente nos trabalhos da fábrica de ferro devorosa, aberto entre os Jardins e a Mata Germes, para a descoberta dos rios de leia-majestade da confluência, que se achavam encarcerados todos os homens de letras, fechada arbitrariamente a Sociedade Literária, foram encarcerados, metidos a ferros, na fortaleza da Conceição, vários poetas, filósofos e pensadores, entre os quais o poeta mineiro dr. Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, cujos bens, livros e museus foram apreendidos, e Alferes José Pereira da Fonseca, que foi mais tarde Marquês de Minas.

A acusação que pesava sobre elles era de se reunirem em casa do primeiro, onde as apparentes palestras literárias encobriam perigosas machinacões de *Jacobinos* e *libertinos* contra a segurança do governo régio e contra a Igreja.

Considerando como chefe do *Conjurado Mineiro* tres dos maiores poetas daquele tempo e do Brasil — Claudio Manoel, Thomaz Gonzaga e Alvarenga Peixoto — «taciturno vice-rei viu nesse facto aviso ou advertência de que o Culpeir com os poetas da vanta colônia cuja primeira autoridade era».

Não é, portanto, aventureiro inferir desses factos que a *Arcadia Ultramortuaria* não era somente um ninho de trovadores líricos, mas, sim, também um centro de agitação patriótica, em que os *Glaucostes Satyrino, Fidio, Alvaro, Enesio, Alvaro, Polidor, Dírecta, Critílio* e outros deixavam a simplicidade bucólica dos pastores pelos riscos de um levantamento revolucionário, cujo fim era a emancipação da colônia e a fundação de uma república soberana no território da Capitania de Minas Gerais.

Entre os que José Alvares Maciel, filho de um capitão mór, de Villa Rica e ali nascido em 1761, mordendo da *Arcadia* apesar de sua cultura e de sua inteligência, preferiu a morte a ser capturado e julgado pelo velho Mundo, principalmente pela Inglaterra e pela França, que, com outros tres estudantes brasileiros — José Pereira Ribeiro, José Joaquim da Mala e José Mariano Leal — lhe recebeu por Thomas Jefferson, então Ministro Plenipotenciário da nova República dos Estados Unidos da América do Norte, que o animaria a trabalhar pela causa da independência do Brasil.

Foto: oltre esse culto e desmembroamento rapaz de vinte e poucos anos de idade — quem pôde mesmo se entrelistar com o Alferes Joaquim José da Silva Xavier, no Rio de Janeiro, concertando o plano da conjura?

racion, que foi ganhando aos poucos os espíritos e fortalecendo-se com a adesão dos homens mais eminentes da Capitania.

Não sendo Maciel da grey dos poetas e sonhadores da *Arcadia*, mas, sim, um espírito prático, disciplinado no estudo das ciências naturais e das artes da indústria, que começava a desbocar para a supradescrita actividade revolucionária, devemos concluir que o movimento tentado não era apenas um sonho ingênuo, ainda que generoso, de trovadores e júritas, mas qualquer coisa de mais profundo na alma popular, empolgando os sentimentos de personalidades das mais diversas formações morais e das mais diferentes profissões, entre as quais se contavam os drágones Francisco de Paula Freire de Andrade, o sargento-mor Luiz da Cunha Toledo Pinto e o tenente coronel da cavalaria auxiliar Domingos de Almeida Vieira e o Alferes José Joaquim da Silva Xavier, o *Tiradentes*; sacerdotes, como José da Silva e Oliveira Rolim, e José Lopes de Oliveira; médicos, como Dr. Domingos Vidal Barbosa Lage; fazendeiros, como os dois Joás de Rezende Costa e os filhos, magistrados, como Alvarenga Peixoto e Thomas Gonçaga.

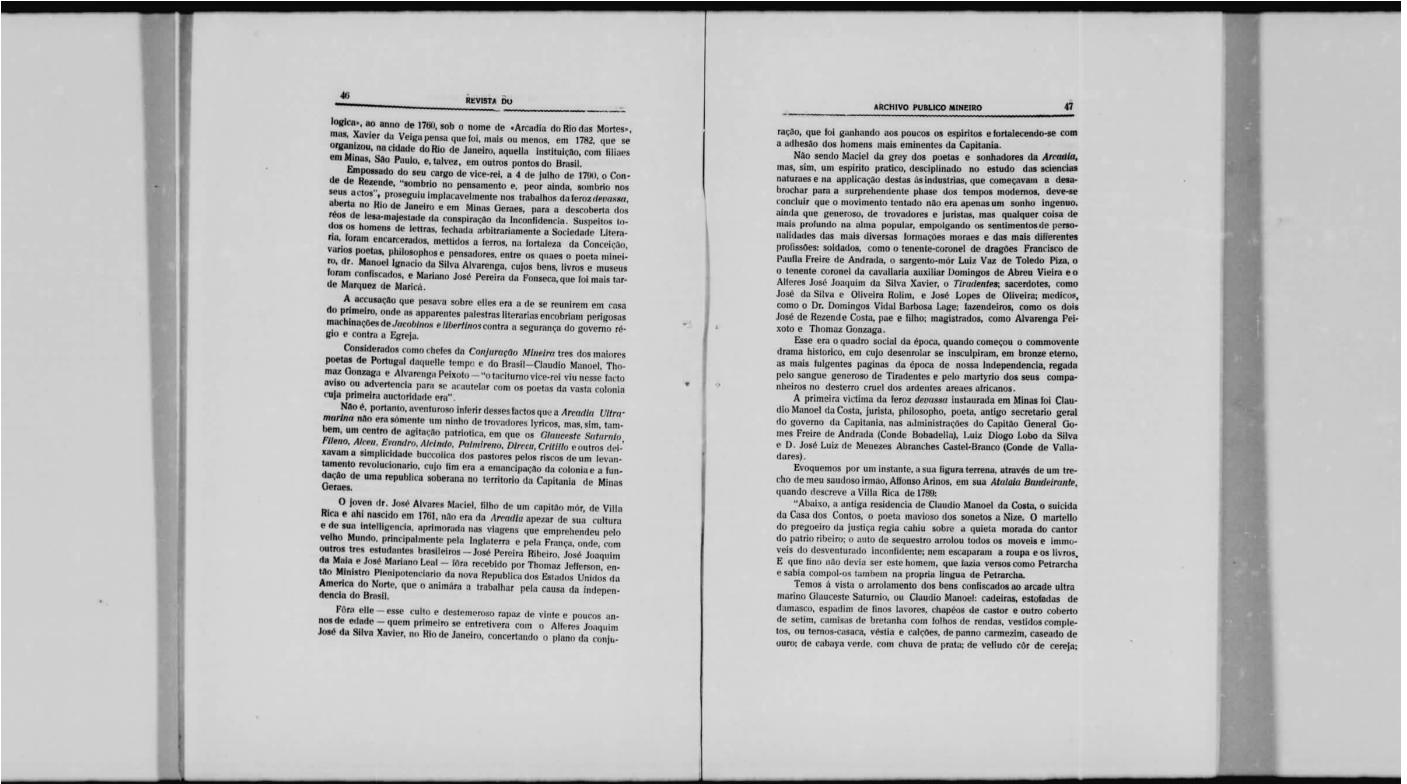
Esse era o quadro social da época, quando começou o comumvente drama histórico, em cujo desenrolar se insculpiram, em bronze eterno, as mais fulgentes páginas da época de nossa Independência, regada pelo sangue generoso de Tiradentes e pelo martírio dos seus compatriotas.

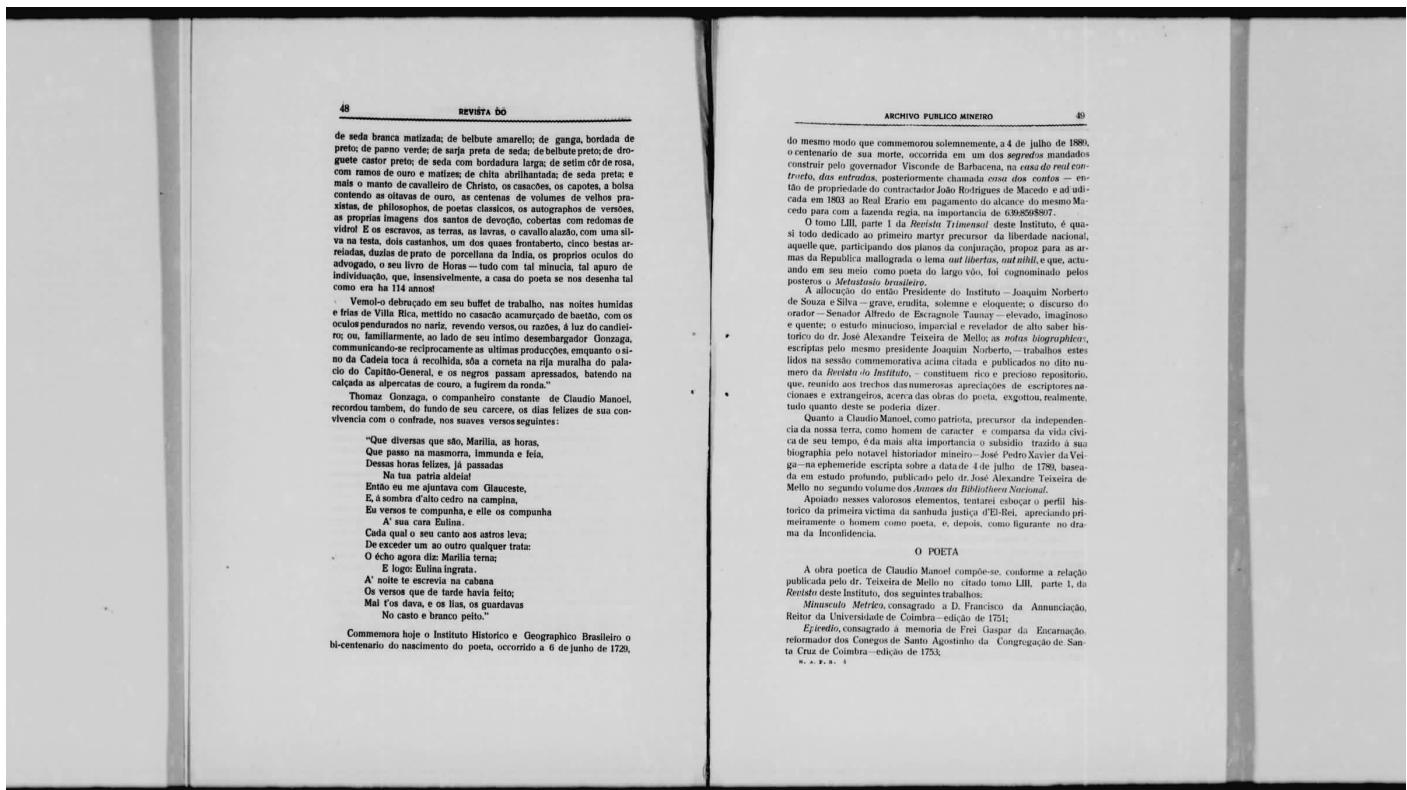
A primeira vítima da ferza devorosa instaurada em Minas foi Claudio Manoel da Costa, jurista, filósofo, poeta, antigo secretário geral do governo da Capitania, nas administrações do Capitão General Gomes Freire de Andrade (conde Bobadella), Luiz Diogo Lobo da Silva e D. José Luiz de Menezes Albranxes Castel-Branco (conde de Villalcara).

Esvaziemos por um instante, a sua figura terrena, através de um trecho de meu saudoso irmão, Alfonso Arinos, em sua *Atolada Bandeirante*, quando descreve a Villa Rica de 1788:

«Aldeia, a antiga residência de Claudio Manoel da Costa, o suicida da Costa dos Contos, o sacerdote curvo dos dentes a Nizo. O martelo do pregoito que lhe ergueu o calvário a norte, o túmulo de um herói do patrício ribeiro, o auto de sequestro arrulou todos os novos e imoveis ou desventurado confundente; nem escaparam a roupa e os livros. E o fino luto devia ser este homem, que fazia versos como Petrarcha e sabia compô-los também na propria língua de Petrarcha.

Temos à vista a armazém da casa dos bens confiscados ao arade ultra marinho Giacomo Sampaio, ou Claudio Manoel das carreas, estofadas de clamancos, espaldas de fino látex, chapéus de castanho, camisas de setim, camisas de bretonha com folhos de rendas, vestidos completos, ou ternos-casca, vestia e calcões, de panno carnezim, casaco de ouro; de cabaya verde, com chuva de prata; de veludo cár de cereja;





48 REVISTA DO  
de seda branca matizada; de bellute amarelo; de ganga, bordada de preto; de paño verde; de sarja preta de seda; de bellute preto; de droguete castor preto; de seda com bordadura larga; de setim cér de rosa, com ramos de ouro e matizas; de chita abrillantada; de seda preta; e manteles de seda com bordadura de China, os capotes, os capotes, a barba contendo as orelhas de ouriço, os ventos de vela, os estandartes praxistas, de philosophos, de poetas clássicos, os autógrafos de vendedores, as próprias imagens dos santos de devotos, cobertas com redomas de vidro. E os escravos, as terras, as lavras, o cavalo alazão, com uma silva na testa, dentro de um dos quates fronteiro, cinco bestas armadas, duas de prata de unicórnios da India, os próprios oculos do advogado, o seu livro de Horas, tudo isto na sacola, tal aparelho individualizado, que, imensivamente, a casa do poeta se nos descrevia tal como era ha 114 annos!

Venho-l-o debraçando em seu buffet de trabalho, nas noites humidas e frias de Villa Rica, metido no casaco acumulado de basseto, com os oculos de sol, o chapéu de veludo vencoso, os rastezes, à luz do candeeiro ou, familiarmente, ao lado de um interno de ferro. Gonçalves comunicando-se reciprocamente as ultimas produções, empregado o sinal da Cadeia toca à recolhida, só a cometa na rija muralha do palácio do Capitão-General, e os negros passam apressados, batendo na calçada as alpercatas de couro, a fugrem da ronda."

Thomas Gonçaga, o companheiro constante, de Claudio Manoel, recordou também, do fundo de seu carreiro, os dias felizes de sua convivência com o confrade, nos suaves versos seguintes:

"Qui diversas qua sô, Marília, as horas,  
Que passam na tua mora, immunda feia,  
Desas boas leituras, já passadas  
Na tua patria ali.  
Então eu me ajuntava com Glaucesta,  
E, à sombra d'alto cedro na campina,  
Eu versos te compunha, e elle os compunha  
Ata' que cansava,  
Ceda qual l' seu canto aux astros leva;  
De exceder um ao outro qualquer trâta:  
O écho agora diz: Marília ternis;  
E logo Edilma ingrata;  
A' noite te escrevia na cabana  
Os versos de tarde havia feito;  
Mal fôs dizer os filhos, os escravados  
No casto e branco peito."

Commemora hoje o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro o bi-centenário do nascimento do poeta, ocorrido a 6 de junho de 1729,

do mesmo modo que comemorou solemnemente, a 4 de julho de 1889, o centenário da sua morte, ocorrida em um dia de segredo mandado construir pelo governador Vizconde de Barbacena, o *Conselho de real contracto, das entradas*, posteriormente chamada *casa das contas* — então de propriedade do contratador João Rodrigues de Macedo e a edificada para 1863 ao Real Erário em pagamento do alcance do mesmo Mandado para com a construção da *Residência Imperial*.

O tom LIII, parte 1 da *Revista Trimestral* deste Instituto, é quase todo dedicado ao primeiro mártir precursor da liberdade nacional, aquele que, participando dos planos da conjuração, propôr para as armas da República malogrado o lema *aut libertas, aut nihil*, e que, actuando em seu meio como poeta do largo vôo, foi cognominado pelos portugueses *Martelo brasileiro*.

A allocução do Dr. Presidente do Instituto — Joaquim Norberto de Souza e Silva — grave, erudita, solene e eloquente, o discurso do orador — Senador Alfredo de Excegundo Taunay — elevado, imaginoso e sentencioso, o oratório, impecável e encantador de alto saber histórico do dr. José Alexandre de Melo, *notas biográficas*, escritas pelo mesmo presidente Joaquim Norberto de Souza e Silva, estendidos na sessão comemorativa acima citada e publicados no dito número da *Revista do Instituto*, — constituem rico e precioso repertório, que, reunido aos trechos das numerosas apreciações de escritores açorianos existentes nas duas obras do poeta, exeguem, realmente, tudo quanto desde se poderia dizer.

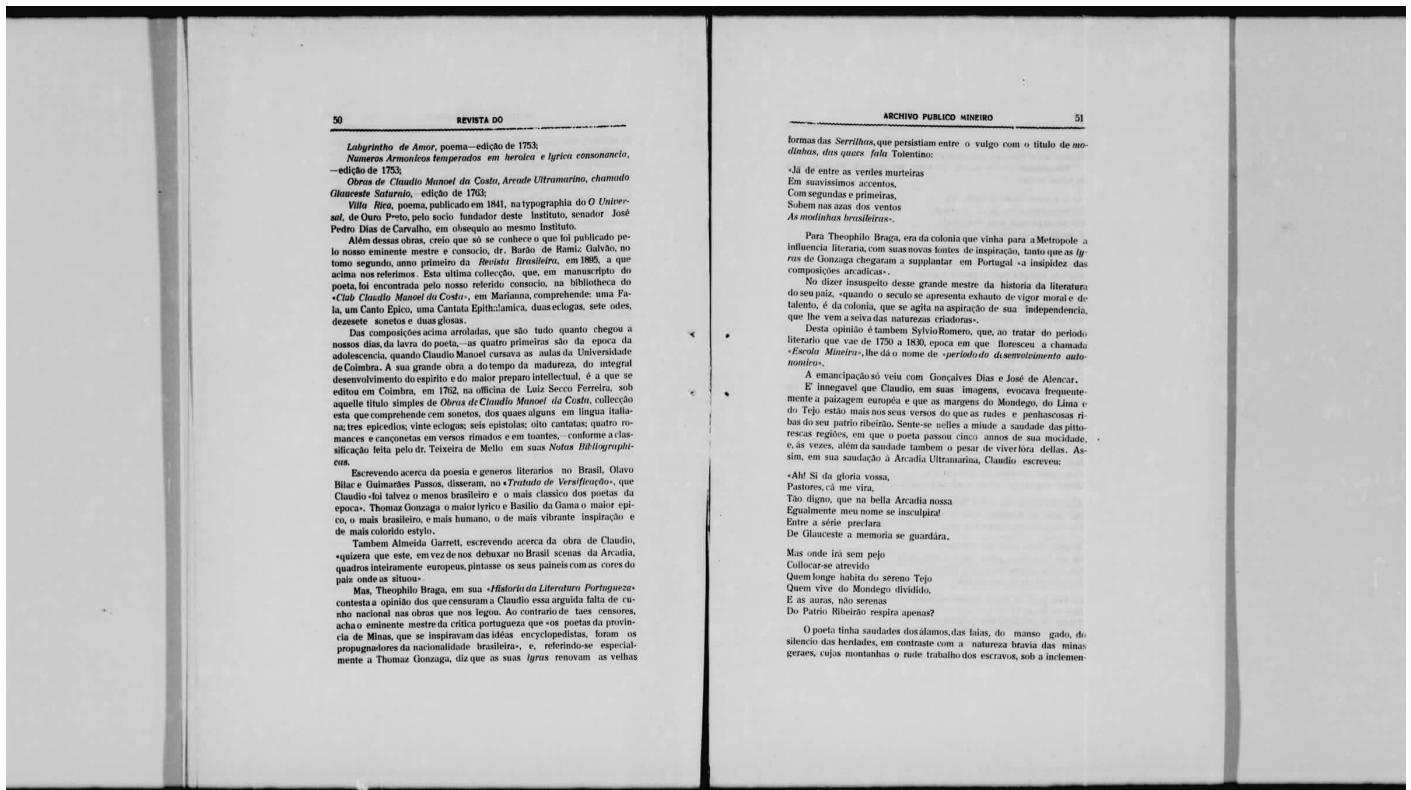
Quanto a Claudio Manoel, como patriota, precursor da independência da nossa terra, como homem de carácter e comparsa da vida cívica de seu tempo, é da mais alta importância o salubro trazido à sua biografia pelo notável historiador mineiro — José Pedro Xavier da Veiga — *Memória Histórica e Crônica das Malheurs e Notórias* — publicado no dito volume da *Revista do Instituto*, — constituiem rico e precioso repertório, que, reunido aos trechos das duas obras do poeta, exeguem, realmente, tudo quanto desde se poderia dizer.

A obra poética de Claudio Manoel compõe-se, conforme a relação publicada pelo dr. Teixeira de Melo no citado tom LIII, parte 1, da *Revista* deste Instituto, dos seguintes trabalhos:

*Memória Histórica e Crônica das Malheurs e Notórias* — publicado no dito volume da *Revista do Instituto*, — edição de 1751;

*Epicedio*, consagrado à memória de Frei Gaspar da Encarnação, reformador dos Conventos de Santo Agostinho da Congregação de Santa Cruz de Coimbra — edição de 1753.

#### POETA



50

REVISTA DO

*Labirinto de Amor*, poema—edição de 1753;  
*Numeros Armonicos temperados em heroico e lyrico consonante*,

*Obras de Claudio Manoel da Costa*, Arcada Ultramarina, chamado

*Glaucoste Saturais*, edição de 1763;

*Villa Rica*, poema, publicado em 1841, na typographia do *O Universo*,

de Curo Pinto, pelo socio fundador deste Instituto, senador José

Pedro Dias de Carvalho, em homenagem ao seu mestre.

Além dessas obras, creio que só se conhece o que foi publicado pe-

lo de um eminente mestre e convidado, dr. Barão de Ramiz Galvão, no

tomo segundo, anno primeiro da *Revista Brasileira*, em 1895, a que

acima nos referimos. Esta ultima coleção, que, em manuscrito do

poeta, foi encontrada pelo nosso referido conscio, na biblioteca do

*Club Claudio Manoel da Costa*, em Mariana, comprehende: uma Fa-

la, um soneto, duas epistles, um Cantata Epithalamica, duas elegias, sete odes,

deuses sanctos e duas glossas.

Das composições acima arroladas, que são tudo quanto chegou a

nossos dias, da lauro do poeta,—as quatro primeiras são da época da

adolescência, quando Claudio Manoel era ainda o menino da Arcadia

de Coimbra. A sua grande obra, à medida da maturidade, do integral

desenvolvimento, é o maior poema e o maior poema intelectual, é a que se

editou em Coimbra, em 1762, na officina de Luiz Seco Ferreira, sob

aquele título simples de *Obras de Claudio Manoel da Costa*, colleção

esta que comprehende cem sonetos, dos quais alguns em língua italia-

na; tres epicredis; vinte elegias; seis epistles; oito cantatas; quatro ro-

mances e canzonetas em versos rimados e em bantos,—conforme a clas-

sificação feita pelo dr. Teixeira de Melo em suas *Notas Bibliographicas*.

Escrivendo acerca da poesia e generos literarios no Brasil, Olavo

Bilac e Guimarães Passos disseram, no *Tratado de Versificação*, que

Claudio “foi talvez o menos brasileiro e o mais clássico dos poetas da

epoca; o mais puramente o maior lyrico e Basílio da Gama o maior épico,

o mais brasileiro e mais humano, o de mais vibrante inspiração e

de mais colorido estyo”.

Também Almeida Garrett, escrevendo acerca da obra de Claudio,

“quizerá que este, em vez de os deixar no Brasil scenas da Arcadia,

quadros interamente europeus, pintasse os seus painéis com as cores do

paiz onde as suas origens se acham”.

E o Dr. Antônio Braga, em sua *História da Literatura Portugueza*,

contesta a opinião dos que censuram a Claudio essa arguida falta de cu-

ndo nacional nas obras que nos legou. Ao contrario de tais censores,

acha o eminente mestre da critica portugueza que “os poetas da proví-

ncia de Minas, que se inspiravam das ideias encyclopedistas, foram os

propagadores da nacionalidade brasileira”, e, referindo-se especialmente

a Thomas Gonzaga, diz que as suas *lyras* renovam as velhas

51

ARCHIVO PUBLICO MINEIRO

formas das *Serritinas*, que persistiam entre o vulgo com o titulo de *modistas*, das quais fala Tolentino:

Em sarristinas acenavam,  
As arteiras

Com segundas e primeiras,

Sobem nas azas dos ventos  
As modinhas brasileiras.

Para Theophilo Braga, era da colonia que vinha para a Metropole a

influencia literaria, com suas novas fontes de inspiração, tanto que as *ly-*

*ras* de Gonzaga chegaram a suplantar em Portugal «as insípidas das

composições arcadianas».

Portanto, é natural dizer que a apresentação da historia da literatura

do seu paiz, quando o mundo se apresenta reto de vigor moral e de

talento, é da colonia, que se agita na aspiração de sua independencia,

que lhe vem a selva das naturezas criadoras».

Desta opiniao só veio com Gonçalves Dias e José de Alencar.

E iminegavel que Claudio, em suas imagens, evocava freqüente-

mente a paisagem europea e que as margens do Mondego, do Lima e

do Tejo estavam mais nos seus versos do que as ruas e penhascos ri-

rescas regios, em que o poeta passou cinco annos de sua mocidade,

e, às vezes, além da saudade também o pesar de viver fora delas. As-

sim, em sua saudação à Arcadia Ultramarina, Claudio escreveu:

«Ah! Si da gloria vossa,

Pastores, cá me vira,

Tão digno, que na bella Arcadia nossa

Egalmente meu nome se insculpirá

Entre a série preclará

De Glaucoste a memória se guardará.

Mas onde irá seu pejo?

Colégio abençoado!

Quem teme a morte da serena Tejo

Quem vive do Mondego dividido,

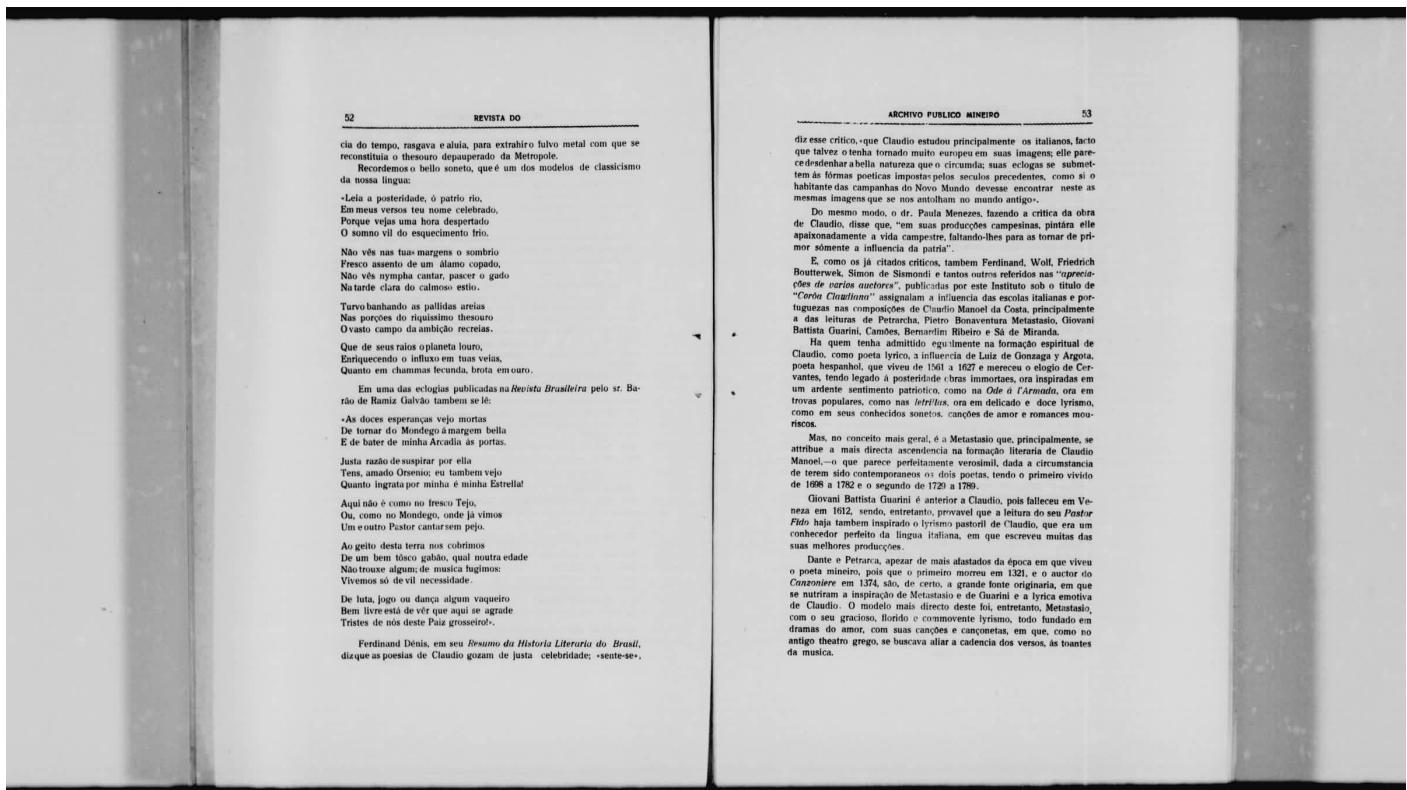
E as águas, não seremos

Do Patrio Ribeiro respiro apenas?

O poeta tinha soudades das ilhas, das ilhas, de mano gado, do

silêncio das hendiduras, em contraste com a natureza brava das minas

gerais, cojas montanhas o rude trabalho das escravos, sob a inclemen-



52

REVISTA DO

cia do tempo, rasgava e alia, para extrahir fulvo metal com que se  
reconstituiu o tesouro depauperado da Metrópole.

Recordemos o belo soneto, que é um dos modelos de classicismo  
da literatura portuguesa:

Leia a portentade, o porto, Rio,  
Em mosa verso teu nome celebrado,  
Porque vejas uma hora despertado  
O sonno vil do esquecimento triâo.

Não vês nas tuas margens o sombrio  
Fresco assento de um álamo copado,  
Não vês nymphas cantar, passar o gado  
Naturale clara do calmo: estio.

Turvo banhando as pálidas areias  
Nas porções do riquíssimo tesouro  
Ovasto campo da ambição recreias.

Que de seus raios o planeta louro,  
Enriquecendo o influjo em tuas velas,  
Quanto em chamas leunda, brota em ouro.

Em uma das eclogas publicadas na *Revista Brasileira* pelo sr. Barão de Ramiz Galvão também se lê:

As doces esperanças vejo mortas  
De tornar do Mondego à margem bella  
E de bater de minha Arcádia as portas.

Justa razão de suspirar por elas  
Tendo amado Orsenio; eu também vejo  
Quanto ingrata por minha é minha Estrela!

Aqui não é como no fresco Tejo,  
Ou, como no Mondego, onde já vimos  
Um e outro Pastor cantar sem pejo.

Ao gelo desta terra nos cobrimos  
De um bem tóscu galão, qual noutra edade  
Não trouxe algum; de musica fugimos:  
Vivemos só de vil necessidade.

De luta, jogo ou dança algum vaqueiro  
Bem livre está de vêr que aqui se agrada  
Tristes de nô destê Paiz grosseiro!.

Ferdinand Denis, em seu *Resumo da História Literária do Brasil*,  
diz que as poesias de Claudio gozam de justa "celebridade; «sente-se».

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO

53

diz esse crítico, que Claudio estudou principalmente os italiani, facto  
que talvez o tenha tornado muito europeu em suas imagens; elle pare-  
ce desdenhar a belha natureza que o circunda; suas eclogas se submet-  
tem às formas poéticas impostas pelos seculos precedentes, como si o  
habitante das campañhas do Novo Mundo devesse encontrar neste as  
mesmas sensações que se nos antolham no mundo antigo.

Do mesmo modo, o dr. Pedro Moreira, fazendo a crítica da obra  
de Claudio, diz que "não é que suas eclogas campesinas, pintar elle  
apaiixonadamente a vida campesina, faltando-lhes para as tomar de prí-  
mō sômente a influência da patria".

E, como os já citados críticos, também Ferdinand, Volt, Friedrich  
Bottcherw, Simon de Sismondi e tantos outros referidos nas "opera-  
ções de vários autores", publicadas por este Instituto sob o título de  
"Côrtes Claustradas", assim como os muitos estudos das escolas italiane e por-  
tuguesas e composições de Claudio Manoel, que principalmemente  
a das leituras de Petrarca, Pietro Bonaventura Metastasio, Giovanni  
Battista Guarini, Camões, Bernadim Ribeiro e Sá de Miranda.

Ha quem tenha admitido egualmente na formação espiritual de  
Claudio, como poeta lírico, a influência de Luís de Gonzaga y Argota,  
poeta helenista, que viveu entre 1501 a 1601, e menciona o Elogio de Cer-  
vantes, tendo legado à posteridade grande inspiração em  
um ardente sentimento patriótico, como na *Ode à África*, ora em  
trovas populares, como nas *letrilhos*, ora em delicado e doce lírymo,  
como em seus conhecidos sonetos, canções de amor e romances mou-  
riscos.

Mas, no conceito mais geral, é a Metastasio que, principalmente, se  
atribui a mais directa influência na formação literária de Claudio  
Manoel, — o que parece perfeitamente verossimil, dada a circunstância  
de terem sido contemporâneos os dois poetas, tendo o primeiro vivido  
de 1698 a 1762 e o segundo de 1729 a 1799.

Giovanni Battista Guarini é anterior a Claudio, pois faleceu em Ve-  
nezia em 1612, sendo, entretanto, provável que a leitura do seu *Pastor  
Flor* haja também inspirado o lírymo pastoril de Claudio, que era um  
conhecido perita em lingua italiana, em que escreveu muitas das  
sus melhores produções.

Dante e Petrarca, apesar de mais distantes da época em que viveram  
o poeta mineiro, pois que o primeiro morreu em 1321, e o autor do  
*Canzoniere* em 1374, são, de certo, a grande fonte originária, em que

se nutriram a inspiração de Metastasio e de Guarini e a líryca emotiva

de Claudio. O modelo mais directo deste foi, entretanto, Metastasio,

que, na sua ópera fundida e commovente lírymo, todo fundado em

dramas do amor, com suas canções e cançonetas, em que, como no

antigo theatro grego, se buscava altar a cadencia dos versos, as boantes

Vê-se esta reminiscência de Guarini:  
 "Toda a mortal fadiga adormecia  
 No silêncio, que a noite envolvava;  
 Nada o sommo suavissimo alterava  
 Nada na muda confusão da sombra fria.  
 So Fido, que de amor por Lize ardia,  
 No socoço maior não repousava;  
 Sentindo o mal, com lagrima culpava  
 A sorte, porque dela se partia.  
 Vá, Fido, que o seu bem lhe nega a sorte;  
 Que a Lize rende a alma, a vida à morte;  
 Fazer o que ella quer, é rigor forte;  
 Mas de modo entre as penas se reparte;  
 Que a Lize rende a alma, a vida à morte;  
 Porque uma parte alegre, que parece resultar de uma  
 paixão infeliz.  
 Vêde como é belo este soneto a Nize:  
 Nize? Nize? Onde estás? Aonde espera  
 Achar-te uma alma que por ti suspira.  
 Si quanto a vista se dilata e gryra,  
 Tanto mais de encantarte desespera!  
 Ah! Si ao menos teu nome ouvir pudera  
 Entre esta aura suave que respira!  
 Nize, cuido que diz, mas é mentira;  
 Nize, cuidai que ouvia, e tal não era.  
 Grutas, troncos, penhascos da espessura,  
 Si o meu bem, si a minha alma em vos se esconde,  
 Mostrai, mostrai-me a sua formosura.  
 Nem ao menos o eco me responde!  
 Ah! Como é certa a minha desventura!  
 Nize? Nize? Onde estás? Aonde? Aonde?

Luis de Camões não se enganaria de subcrever este lindo e delicado soneto, tão sugestivo, tão cheio de sentimento, tão enquadra do seu estilo harmonioso e nobre.

Leiamos mais este outro:  
 "Este é o rio, a montanha é esta,  
 Estes os troncos, estes os rochedos;  
 São estes inda os mesmos arvoredos;  
 Esta é a mesma rustica floresta.

Tudo cheio de horror se manifesta,  
 Rio, montanha, troncos e penedos;  
 Que de amor nos suavíssimos enredos  
 Foi cena alegre, e é uma já funesta.

Oh quão lembrado estou de haver subido  
 Aquelle monte, e às vezes que, baixando,  
 Deixei de pranto o valle humedeceido!

Tudo me está a memória retorndo:  
 Que da mesma saudade o infame ruído  
 Vem as mortas – idem despertando."

Os sonetos são, no dizer do eminente mestre – dr. João Ribeiro – diretamente a cópia produzida que nos legou Claudio Manoel, a eterna coroa de glória da sua obra literária.

Os seus romances, canções e cantatas, as suas oetas, as suas elegias, epícadro e epistolário contêm, entretanto, admiráveis trabalhos, que, por si só, justificariam a opinião dos que o consideram um dos maiores poetas de sua língua, no seu tempo, e que ele viveria sempre.

Mais, honrada é a sua obra de correspondência e dedicado ao poema heróico *Vila Rica*, que, ao que se supõe, o próprio poeta não quis entregar à publicidade, convencido, talvez, de que elle nada ajuntaria à sua glória literária. "Não é sonante a monotonia", diz o professor João Ribeiro, "e a pobreza de inspiração, que nos desinteressa no poema; mas é o tom laudatório, o odor do incenso que se trahem em versos que, para mim, é sempre um sinal de que o poeta é mediocre".

A epopeia das *bandeiras*, que o poeta pôz como objecto do poema,

possui, como hem o assinalado o eruditíssimo citado, matéria épica,

em muito superior à do *Uruguay*, de Basílio da Gama; mas, os deca-

sílabas sem rima do poema épico de Basílio, cantando a luta dos por-

tugueses, contra os holandeses, instigados pelos jesuítas, são de muito maior

belleza do que as estrofes de *Vila Rica*.

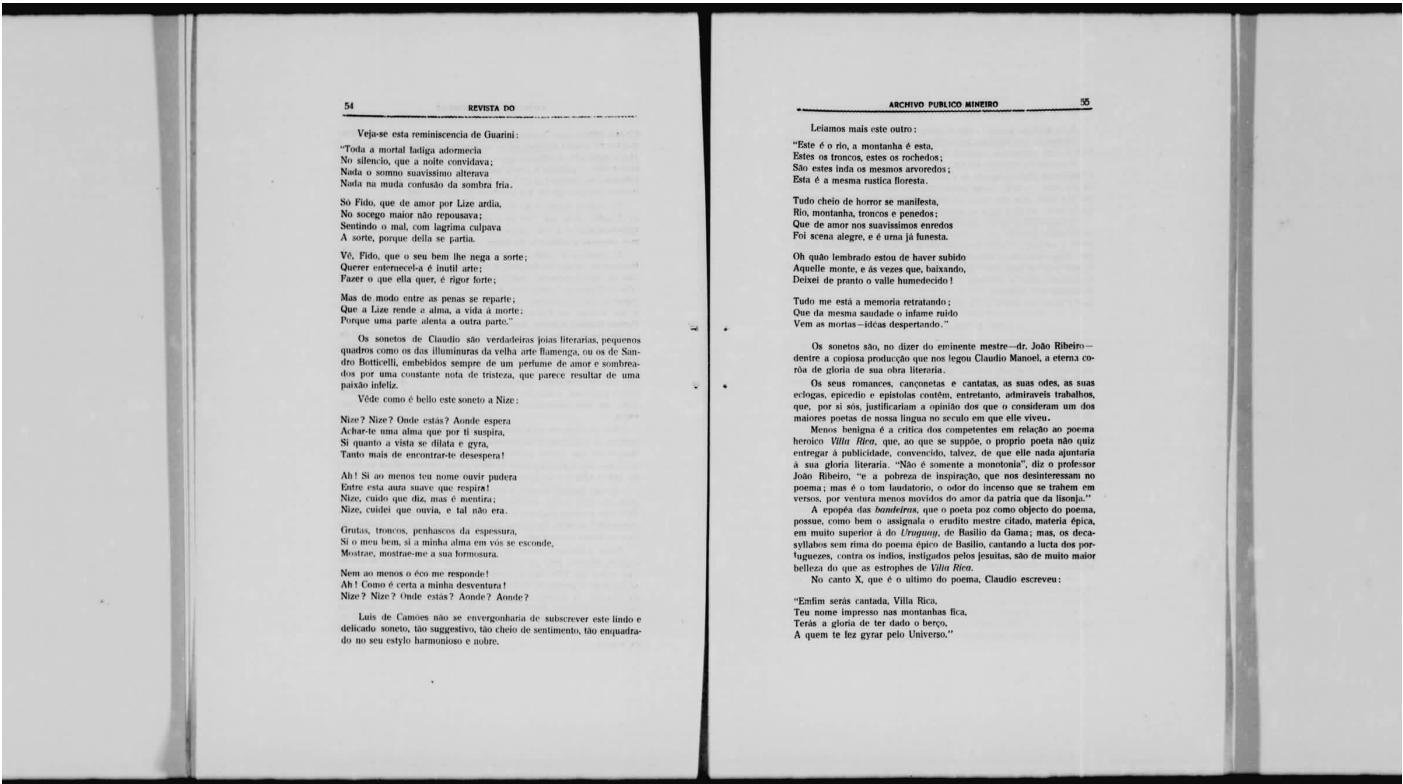
No canto X, que é o último do poema, Claudio escreveu:

"Enfim serás cantada, Vila Rica,

Teu nome ressoará nas montanhas fica,

Terás a glória de ser o meu herói,

A quem te fez gyrar pelo Universo."





Cantei de leite e mel, ô Patrios Rios,  
E abri os seios de metal guardando;  
Os bandidos roubaram, e de siro os fios  
Saião do Luso a enriquecer o Estado.

Quem por teu benefício, quem gemina  
Ao peso da opressão, quem melhorado  
Não viu o seu destino, socorrido  
De Deus, que é o meu e o teu?

A justiça, a razão, a segurança,  
De todo o nosso bem, qual nobre indulto  
Em ti não encontrou? por ti vivia  
Da virtude o esplendor por ti luzia.

D. Antônio de Noronha governou a Capitania de Minas de 29 de maio de 1775 a 20 de fevereiro de 1780, em que foi substituído por D. Rodrigo da Cunha Menezes, o qual passou o governo em 10 de outubro de 1783 a Luiz da Cunha Menezes, que, finalmente, o transferiu ao visconde de Barbacena em 11 de julho de 1788, ou menos de um anno antes da morte de Cláudio Manoel.

Foi sómente no curto governo de Luiz da Cunha Menezes, em Minas Gerais, que se concretou a formar a Inconfidência.

O governo de D. Pedro II, que durou de 1789 a 1794, foi considerado inconfidente, que interessaram do horizonte degradado nos labirintos arreios da África, traduzindo e amontando a pagina do historiador Southey acerca desse drama da nossa história, escreveu em 1839: "Tiradentes começou a manifestar seus principípios no governo de Luiz da Cunha Menezes em Minas Gerais, que lhe sendo denunciados, o desprezou, como se deschar de Alcântara de Vilaça e promulgou com vigor no anno de 1788, o decreto que governava da Vila Rica de Barbalha, no qual se combinaram o dito Tiradentes e o dr. José Álvares Maciel".

As causas, como se sabe e já o dissemos a princípio, eram muitas e profundas, vinham de longa data e se prendiam ao sistema ignominioso e opressivo da colonização do Brasil.

Em 1770, a Coroa concedeu a capitania pública em Minas, porque o próprio governo entendia ser indispensável manter o povo ignorância, para melhor conservá-lo na escravidão.

Não existia agricultura, nem vias de comunicação, sendo prohibido, sob penas severíssimas, abrir estradas.

O governo rasgava, no proprio traço das *bandeirantes*, a estrada que ligava Rio de Janeiro e S. Paulo à Villa Rica e aos distritos auríferos e diamantíferos do norte da Capitania de Minas, e uma outra estrada que ligava Villa Rica às ricas minas de Paracatu e Goyaz. Nos

pontos extremos, quartéis de dragões, incumbidos de reprimir o contrabando do ouro, sendo os moradores obrigados a aposentá-los e atender-lhes as requisições, quando em cavalgatas aleviadas percorriam as regiões servidas pelas duas estradas referidas, que eram as únicas existentes.

A justiça (FB-RB) era sómente para fazer as prisões arbitrárias, auxiliada por uma polícia cuja função mais frequente era a de publicar os celebres *bondos* para aterrorizar as populações, ameaçando-as com os despejos violentos, o fechamento compulsório das poucas casas de comércio, as quais sem motivo e o degrau tyramico de inovação, eram arrancadas da família, e suas esposas e filhos ficavam assim mesmas victimas, entregues à luxúria bestial da soldadesca desenrolada.

O recrutamento forçoso arrancou seis mil jovens patriotas, só em 1775, de uma população inferior a 180 mil almas, para as guerras contínuas no Rio da Prata.

E os que iam, iam sempre crescendo, ao passo que a exaustão das Minas provocava uma terrível crise de miséria do povo, donde da qual não abrandava o appetite violento do fisco português.

Volhavam-se as energias do rebanho trabalhador para outros meios de produção económica e fundaram numerosas fábricas de tecidos em vários pontos da Capitania. Mas, o alvará régio de 5 de janeiro de 1785, determinou sob as mais graves penas o fechamento e destruição de todas as principais fábricas existentes.

Por fim, a *derrama*, a ameaça de cobrança, pelo confisco dos bens dos inélices devedores, das importâncias dos *quintos* em atraso, no valor de seiscentas armhas de ouro.

Era o amargamento total da vida na Capitania, era a miséria absoluta dos que trabalhavam, era a misa, a escravidão, o oppôsio do povo.

Dali o movimento dos que, pelas draconianas leis do tempo, se chamarão *inconfidentes*, acusados do crime de *lesa-majestade* de terem falado à Igreja para com o príncipe mas, nas páginas da nossa história, figuram como primeiros martyres, precursoros da independência nacional.

Qual o papel de Claudio nos primeiros factos da conjuração, cujas cedezas eram Tiradentes e José Álvares Maciel?

Sabe-se que tomou parte em reuniões secretas em casa do tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, comandante do regimento de dragões, de que era afflito o Tiradentes, e que participou também da discussão para a escolha da bandeira e armas da nova República.

Tiradentes sugeriu para o escudo um triângulo, symbolizando as três pessoas da Santíssima Trindade; Claudio alvirou a adopção das armas norteaméricanas — o genio da America rompendo cadeias — e a legenda — *Libertas quo spiritus*; Alvarenga Peixoto julgou pobre de

